



TEXTO PARA DISCUSSÃO N° 486

**VALOR, CAPITAL E INSTITUIÇÕES SOCIAIS EM CARL MENGER:
as contribuições de uma obra inacabada**

Eduardo da Motta e Albuquerque

Junho de 2013

Universidade Federal de Minas Gerais

Clélio Campolina Diniz (Reitor)

Rocksane de Carvalho Norton (Vice-reitora)

Faculdade de Ciências Econômicas

Reynaldo Maia Muniz (Diretor)

Paula Miranda-Ribeiro (Vice-diretora)

Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (Cedeplar)

Hugo Eduardo Araujo da Gama Cerqueira (Diretor)

Cássio Maldonado Turra (Vice-diretor)

Simone Wajnman (Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Demografia)

Frederico Gonzaga Jayme Jr. (Coordenador do Programa de Pós-graduação em Economia)

Eduardo Luiz Gonçalves Rios-Neto (Chefe do Departamento de Demografia)

Ana Maria Hermeto Camilo de Oliveira (Chefe do Departamento de Ciências Econômicas)

Editores da série de Textos para Discussão

Dimitri Fazito de Almeida Rezende (Demografia)

Gustavo Britto (Economia)

Secretaria Geral do Cedeplar

Maristela Dória (secretária-geral)

Simone Basques Sette (editoração)

<http://www.cedeplar.ufmg.br>**Textos para Discussão**

A série de Textos para Discussão do Cedeplar tem o objetivo de divulgar resultados preliminares de estudos desenvolvidos no âmbito do Cedeplar. Os Textos para Discussão do Cedeplar começaram a ser publicados em 1970 e têm se destacado pela diversidade de temas e áreas de pesquisa.

Ficha Catalográfica

A345 Albuquerque, Eduardo da Motta.
v Valor, capital e instituições sociais em
2013 Carl Menger : as contribuições de uma obra
inacabada / Eduardo da Motta e
Albuquerque. - Belo Horizonte :
UFMG/CEDEPLAR, 2013.
21 p. : il. - (Texto para discussão, 486)

Inclui bibliografia.

1. Menger, Carl, \$d 1840-1921. 2. Valor
(Economia) 3. Capital (Economia) 4. Escola
austríaca de economistas. I. Universidade
Federal de Minas Gerais. Centro de
Desenvolvimento e Planejamento Regional.
II. Título. III. Série.

CDD: 330

Elaborada pela Biblioteca da FACE/UFMG - JN
055/2013

As opiniões contidas nesta publicação são de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es), não exprimindo necessariamente o ponto de vista do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (Cedeplar), da Faculdade de Ciências Econômicas ou da Universidade Federal de Minas Gerais. É permitida a reprodução parcial deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções do texto completo ou para fins comerciais são proibidas.

Opinions expressed in this paper are those of the author(s) and do not necessarily reflect views of the publishers. The reproduction of parts of this paper or data therein is allowed if properly cited. Commercial and full text reproductions are strictly forbidden.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO E PLANEJAMENTO REGIONAL**

**VALOR, CAPITAL E INSTITUIÇÕES SOCIAIS EM CARL MENGER:
as contribuições de uma obra inacabada^{*}**

Eduardo da Motta e Albuquerque
Cedeplar-UFMG

**CEDEPLAR/FACE/UFMG
BELO HORIZONTE
2013**

* Agradeço as diversas contribuições dos colegas do Grupo de Pesquisas em Economia Política Contemporânea do Cedeplar-UFMG: João Antonio de Paula pelo convite para a redação deste texto, Hugo Eduardo Cerqueira pelas discussões sobre a estrutura e o roteiro do texto, Carlos Eduardo Suprinyak pelas sugestões de bibliografia, Alexandre Cunha pela introdução aos arquivos da Universidade de Hitsubashi e da Universidade de Duke, Leonardo Gomes de Deus pelo auxílio na tradução de trechos da obra de Carl Menger. Essa pesquisa contou com o apoio do CNPq.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
I. A TEORIA SUBJETIVA DO VALOR	8
II. BENS DE ORDEM SUPERIOR E O CAPITAL	10
III. DO DEBATE SOBRE O MÉTODO ÀS ORIGENS DE INSTITUIÇÕES SOCIAIS	13
IV. POLÍTICA ECONÔMICA E A QUESTÃO DO SOCIALISMO	15
V. CONCLUSÃO	17
REFERÊNCIAS	19

RESUMO

O legado de Carl Menger é um conjunto de contribuições sobre valor, capital e a gênese de instituições sociais. Comparado com o disponível quando da redação da nota biográfica redigida por Schumpeter em 1921, há uma vasta literatura sobre Menger. Essa literatura tem sugerido repensar o lugar de Menger no pensamento econômico. Jaffé (1976) propõe a deshomogeneização de Menger, Jevons e Walras, enquanto Alter (1990) sugere a desagregação de Menger, Böhm-Bawerk e Weiser. Após esses dois movimentos, um terceiro pode ser objeto de investigações: o des-sequenciamento de Menger em relação a Mises e Hayek.

Palavras-chave: Menger, valor, capital, ordem espontânea, economia austríaca

ABSTRACT

The theoretical legacy of Carl Menger involves works on value, capital and the origin of social institutions. There is a huge literature on Menger, that has been growing since Schumpeter wrote his short article on the founding father of Austrian Economics in 1921. Reevaluations concerning the place of Menger in the history of economic thought have suggested the de-homogenization of Menger, Walras and Jevons (Jaffé, 1976) and the disaggregation of Menger, Böhm-Bawerk e Weiser. It might be that now is a moment for a new line of investigation: the desequencing of Menger, Mises and Hayek.

Key words: Menger, value, capital, spontaneous order, Austrian Economics

JEL Classification: B130, B250

INTRODUÇÃO

Carl Menger nasceu em 28 de fevereiro de 1840, na cidade de Nova Sendec (território hoje da Polônia). Estudou nas Universidades de Viena (1859-1860) e de Praga (1860-1863). Entre 1863 e 1871 trabalhou como jornalista no Lemberger Zeitung e posteriormente no Wiener Zeitung.¹ Posteriormente trabalhou como funcionário público no Departamento de Imprensa do Conselho de Ministros. Em 1871 recebe o título de Doutor em Jurisprudência pela Universidade de Cracóvia.² Nesse mesmo ano publica os *Princípios de Economia Política* e submete um pedido para obtenção de uma posição como professor da Faculdade de Direito da Universidade de Viena.³ Em julho de 1873 torna-se professor associado dessa universidade e renuncia à posição no Conselho de Ministros.⁴ Em 1876 torna-se tutor do príncipe Rudolf.⁵ Em 1879 é nomeado Professor Catedrático da Universidade de Viena. Em 1884 publica *Investigações sobre o método nas ciências sociais*. Em 1892 participa da Comissão de Enquete sobre o Câmbio, da Áustria e publica diversos estudos sobre o dinheiro.⁶ Em 1903 aposenta-se.⁷ Carl Menger falece em Viena em 1921.

A nota biográfica publicada por Schumpeter em 1921 localiza a sua contribuição para a teoria econômica: "Menger's theory of value, price and distribution is the best we have up to now" (1921, p. 86).

Schumpeter indica a posição de Menger em uma sucessão de clássicos da economia. Com Adam Smith culmina o primeiro período de formação do qual emerge "uma ciência consolidada", segue-se um período de análise e especialização no qual David Ricardo marca o seu nome com a chegada da "teoria econômica pura" (p. 81). Após tão rápido sucesso, um período de completa derrota inicia-se - uma longa fase de estagnação e paralisia no círculo dos economistas. Duas exceções seriam, por um lado, Thünen e Herman na Alemanha e, por outro lado, a teoria socialista (p. 82). Para Schumpeter "Carl Menger stands out in sharp relief against this background" (p. 82). "Menger belongs to those who have demolished the existing structure of a science and put it on entirely new foundations" (p. 83).

¹ Segundo Hayek (1934, p. 216), "Wieser conta que Menger um dia lhe relatou caber-lhe, entre outras coisas, a tarefa de escrever para um órgão oficial, a *Wiener Zeitung*, resenhas sobre a situação do mercado e que, ao estudar os relatórios de mercado, se deu conta do marcante contraste existente entre as teorias tradicionais sobre os preços e os fatos que pessoas de experiência prática consideravam decisivos para a determinação de preços".

² Caldwell (2004, p. 18) informa que Menger estudou direito, "receiving his degreee in 1867".

³ Segundo Caldwell (2004, p. 18), Menger submeteu os *Princípios* como seu trabalho de *Habilitation* - aprovado em 1872.

⁴ Segundo Streissler (1990a, p. 39), entre 1872 e 1875 foram oferecidas a Menger posições de professor em pelo menos três universidades fora da Áustria: Karlsruhe, Zurique e Basel.

⁵ Streissler (1990b) utiliza as anotações do príncipe Rudolf, descobertas pela historiadora Brigitte Hamann, para investigar posições de Menger quanto a política econômica, tema principal das aulas ministradas.

⁶ Hayek (1934, p. 228) avalia que a publicação desses trabalhos em 1892 encerra "a série de trabalhos de maior envergadura publicados durante a vida de Menger. Nas outras três décadas de vida, Menger só publicou estudos breves ocasionais".

⁷ O período posterior à aposentadoria de Menger em 1903 é objeto de especulação. Para Hayek (1934, p. 229), "Menger queria concentrar-se totalmente nas tarefas que ele mesmo se havia proposto: a elaboração da obra sistemática sobre a Economia Política por tanto tempo adiada.... Dedicou todas as suas energias à execução deste intento". Schumpeter (1921, p. 81) menciona esse período como uma justificativa para uma avaliação do seu papel na economia: "Menger has left us after twenty years of the strictest retirement, during which he explored and enjoyed at leisure the fields of his interest. Thus, we have gained sufficient distance to enable us to discuss his life's work as part of the history of our science".

Schumpeter avalia que Menger "was one of those thinkers who can claim a single decisive achievement that made scientific history" - "a new explanatory principle". A descoberta de Menger é um fato simples: "that people buy, sell or produce goods because and in so far as they value them from the point of view of satisfaction of needs" (p. 84). Prossegue Schumpeter: "the discovery of this simple fact and its sources in the laws of human needs are wholly sufficient to explain the basic fact about all the complex phenomena of modern exchange economy" (p. 84).

Essa descoberta de Menger, avalia Schumpeter, "together with the roughly simultaneous, independent writings of Jevons and Walras, must be considered as the foundation of modern economic theory" (p. 85).⁸

A lista das contribuições relevantes apontadas por Schumpeter (1921) inclui os *Princípios* (1871),⁹ a intervenção sobre método no debate com Schmoller, da Escola Histórica Alemã - o livro *Investigações* (1884)¹⁰ -, a contribuição para a teoria do capital (1888),¹¹ a elaboração sobre o dinheiro (o artigo para a *Handwörterbuch der Staatswissenschaften* em 1892) e diversos trabalhos sobre a questão monetária.¹²

Na curta nota biográfica de 1921, Schumpeter capta um sentido polêmico na abordagem de Menger: "since Menger and his school soon came to be considered as the only serious competitor of the Marxist theory, a comparison with Marx may also be attempted" (1921, p. 86). Essa comparação tem dois pontos. O primeiro sugere que Menger disputa com Marx em apenas um dos campos de ação do autor de *O Capital*: na teoria pura. Nesse campo, Menger superaria Marx. O segundo estaria no campo da originalidade: enquanto Marx seria um estudante de Ricardo e dos seus discípulos socialistas e semi-socialistas, Menger seria "nobody's pupil".¹³

⁸ Essa justaposição de Menger, Jevons e Walras é uma das primeiras referências a uma revolução no pensamento econômico - Schumpeter menciona a gênese da moderna teoria econômica e ao longo de sua nota biográfica há comparações com Copérnico (1921, p. 85). Em uma discussão sobre os três pioneiros da "revolução marginalista", W. Jaffé (1976, p. 511) toma como ponto de partida o próprio Schumpeter em sua *History of Economic Analysis*, publicada 33 anos depois dessa nota biográfica. O texto de Jaffé é um exercício oposto ao de Schumpeter, ao inaugurar uma linha de investigação que destaca as diferenças de ênfase, posição e postura teórica dos criadores da moderna teoria econômica - desde então, a deshomogeneização de Menger, Jevons e Walras é reconhecida. Menger pode ser considerado como o mais subjetivista e o menos matemático dos pioneiros da "revolução marginalista" - e Caldwell (2004, p. 30) acrescenta: "Menger was the least marginalist of the triumvirate". Essas clivagens já teriam sido identificadas por Hayek, ao longo do debate sobre o cálculo econômico socialista, que posteriormente explicita as diferenças entre os austríacos e a visão legada por Walras e sugere que se Menger tivesse continuado sua elaboração "...it would have become even more apparent than in his introductory part (which is the *Grundsätze*) that what he was aiming at was rather to provide tools for what we now call process analysis than for a theory of static equilibrium" (Hayek, 1978, p. 203).

⁹ Publicado no Volume 1 dos *Collected Works*, em alemão, editado por Hayek em 1934 (disponível em <http://mises.org/document/6659/Collected-Works-of-Carl-Menger-in-German-Volume-I>).

¹⁰ Publicado no Volume 2 dos *Collected Works*, em alemão editado por Hayek em 1933 (disponível em <http://mises.org/document/6660/Collected-Works-of-Carl-Menger-in-German-Volume-II>).

¹¹ Publicado no Volume 3 dos *Collected Works*, em alemão, editado por Hayek em 1935 (disponível em <http://mises.org/document/6661/Collected-Works-of-Carl-Menger-in-German-Volume-III>).

¹² Publicado no Volume 4 dos *Collected Works*, em alemão editado por Hayek em 1936 (disponível em <http://mises.org/document/6662/Collected-Works-of-Carl-Menger-in-German-Volume-IV>).

¹³ Essa observação de Schumpeter pode ser questionada por estudos mais recentes. Streissler (1990a) descreve a influência de autores alemães sobre Menger e toda a relação de Menger com o meio acadêmico alemão. Os autores mais citados nos *Princípios* são alemães: Roscher, 17 vezes, Hermann, 12 vezes - Adam Smith recebe 11 citações - e Kries, 9 vezes, relata Streissler (p. 34). Streissler sugere que teria existido na Alemanha uma tradição "proto-neoclássica" (p. 61) e uma escola do valor subjetivo na Alemanha antes de Menger (p. 64). Por sua vez, Silverman (1990) estuda as raízes cameralistas de Menger, em especial o papel dos "cameralistas smithianos". A história do pensamento econômico austríaco, para Silverman, teria se iniciado com os "cameralistas austríacos" nos séculos XVII e XVIII (p. 76). De acordo com Silverman (1990, p. 86), para um autor cameralista, Hufeland, "labour was not the cause of value". Streissler (1990a, p. 40) considera que a geração da Escola Austríaca dominada por Schumpeter e Mises "no longer wished to see any German connection" - talvez essa seja a raiz do comentário sobre Menger como "nobody's pupil".

Finalmente, Schumpeter avalia que um dos fatores que contribuíram para uma relativamente rápida difusão da elaboração de Menger foram os seus discípulos Böhm-Bawerk e Wieser (p. 89).¹⁴

Este texto está organizado pela sistematização das principais contribuições de Menger: teoria do valor na seção I, teoria do capital na seção II, a discussão sobre o método - incluído o tratamento da gênese de instituições sociais - na seção III. A seção IV busca pistas para localizar a posição de Menger em relação à política econômica e à questão do socialismo. A seção V conclui o texto, com a sugestão de um possível tema para pesquisas futuras relacionadas à posição de Menger no pensamento econômico.

I. A TEORIA SUBJETIVA DO VALOR

A análise de sua obra principal, *Princípios*, publicada em 1871, seria o primeiro volume de uma série de quatro, planejados por Menger (Caldwell, 2004, p. 35; Hayek, 1934, p. 217), permite identificar diversos desdobramentos. O livro está organizado em oito capítulos: 1- doutrina geral dos bens; 2- a economia e os bens econômicos; 3- doutrina sobre o valor; 4- doutrina sobre a troca; 5- doutrina sobre o preço; 6- valor de uso e valor de troca; 7- a doutrina sobre a mercadoria; 8- a doutrina sobre o dinheiro.

Na “doutrina geral dos bens”, Menger diferencia os bens de primeira ordem (“bens necessário para o atendimento direto e imediato das [nossas necessidades]” dos bens de “ordem superior”, que têm “nexo causal apenas indireto para a satisfação de tais necessidades” (1983: 246). Essa concepção possibilita a introdução de elementos dinâmicos. Em primeiro lugar, o tempo e a incerteza. “O processo por meio do qual os bens de ordem superior são transformados em bens de ordem inferior ... obedece ele também às leis da causalidade” E, “o conceito de causalidade é inseparável do conceito de tempo” (1983: 253). O fator tempo não é eliminado na transformação dos bens de ordem superior em bens de ordem inferior. Daí, há o espaço para a incerteza: “portanto, os bens de ordem superior adquirem e fazem valer a sua qualidade de bem não em relação a necessidades imediatamente presentes, mas apenas em relação a necessidades que, de acordo com a previsão humana, só existirão concretamente no momento em que se encerrar o processo de produção de que vimos falando” (1983: 254).

Certeza quanto a quantidade e qualidade dos bens só pode ter quem dispõe “direta e imediatamente” de bens de ordem inferior. Quanto aos de ordem superior, “determinada margem de incerteza e insegurança quanto à quantidade e à qualidade do produto final ... é comum a todos os setores da produção” (p. 255). E, acrescenta, “quanto mais numerosos forem os elementos que intervêm no processo causal da produção dos bens – elementos esses que desconhecemos, ou se os conhecemos, escapam ao nosso controle – tanto maior será a nossa incerteza quanto à qualidade e à quantidade do produto final do processo causal inteiro, isto é, dos bens correspondentes de ordem inferior (...) essa incerteza representa um dos elementos essenciais da incerteza econômica dos homens” (p. 256).

¹⁴ Alter (1990) sugere que além de “des-homogeneizar” Menger, Jevons e Walras, é necessário “desagregar” Menger, Böhm-Bawerk e Wieser. Como um exemplo, neste texto será mencionado o desconforto de Menger com a elaboração de Böhm-Bawerk sobre o capital.

Em seguida, Menger comenta as causas do aumento do bem-estar humano e critica Smith, por ter deixado de lado outros fatores relevantes, além da divisão do trabalho. No essencial, trata-se “do efeito multiplicador que a utilização de bens de ordem superior tem sobre os bens de consumo (bens de primeira ordem) para o atendimento das necessidades humanas” (p. 257). E para o desenvolvimento desses bens de ordem superior, o limite é o conhecimento disponível.

Segundo Menger, “[O]s bens de consumo, que antes eram simplesmente o resultado de uma coincidência casual das condições de seu surgimento, passam a ser, no momento em que os homens assumiram o controle do processo, um produto da vontade humana (dentro dos limites impostos pela Natureza), e as quantidades de bens disponíveis só encontrarão um limite: a compreensão do nexo causal entre as coisas e fatores, mais o domínio e controle desse processo por parte dos homens. O conhecimento progressivo do nexo causal das coisas com o bem-estar humano e o domínio progressivo das condições mais remotas dos mesmos conseguiram, portanto, levar a humanidade do estágio primitivo e de miséria extrema para o estágio atual de cultura e bem-estar...e ... também no futuro, é dessa forma que se dará o progresso econômico da humanidade” (1983: 257).

A definição quanto à natureza subjetiva do valor permite também enfatizar o papel do conhecimento, em um sentido muito específico: para Menger, “podemos observar oscilações de valor que encontram sua razão última simplesmente no fato de se *modificar o conhecimento* da importância de que os respectivos bens se revestem para nossa vida e nosso bem-estar” (grifos do autor, 1983, p. 306).

Na medida em que “os homens avançam na evolução cultural”, “existe um alto grau de divisão de trabalho”, e “...pessoas isoladas produzem individualmente grandes quantidades de bens de ordem superior, fiando-se na suposição (via de regra, correta) de que outras pessoas produzirão as correspondentes quantidades de bens complementares” (p. 264). Desencontros entre essas quantidades de bens complementares determinam o surgimento de distúrbios na Economia: “distúrbios que na linguagem do dia-a-dia costumam chamar-se de anormalidades, mas que na realidade são perfeitamente normais, por decorrerem de uma lei inflexível da Economia” (p. 265).

O caráter subjetivo do valor é afirmado claramente no capítulo III (“A doutrina do valor”): “...o valor não é algo inerente aos próprios bens, não é uma propriedade dos mesmos e muito menos uma coisa independente, subsistente por si mesma. O valor é um juízo que as pessoas envolvidas em atividades econômicas fazem sobre a importância dos bens de que dispõem para a conservação de sua vida e de seu bem-estar; portanto só existe na consciência das pessoas em questão (...) o valor é por sua própria natureza algo totalmente subjetivo” (p. 287).¹⁵

Essa visão permite romper a relação entre trabalho e valor. Para a determinação do valor dos bens de ordem superior, Menger dedica a seção 3 do capítulo sobre a doutrina do valor. A determinação subjetiva persiste, dado o papel dos bens de primeira ordem. Segundo Menger, “o valor dos bens de ordem superior é sempre, e sem exceção, determinado pelo valor previsível dos bens de ordem superior cuja produção os mesmos servem” (p. 306). Para tanto, a cadeia causal na determinação do valor tem um sentido preciso, invertendo o sentido causal da economia clássica: “o

¹⁵ Yagi (2013) e Caldwell (2004, p. 36) descrevem a reação de Menger a uma resenha crítica publicada por Friedrich Hack, em 1872: Menger acatou-as, introduzindo modificações na sua cópia pessoal dos *Princípios*. Para Yagi (2013), isso significou um aprofundamento da postura subjetivista de Menger.

valor dos bens de ordem superior não pode ser o fator determinante do valor previsível dos correspondentes bens de ordem inferior, nem o valor dos bens de ordem superior (já utilizados para a produção de um bem) pode ser determinante para o seu valor efetivo; pelo contrário, a verdade é inversa: em qualquer circunstância, o valor dos bens de ordem superior é determinado pelo valor previsível dos bens de ordem inferior para cuja produção os mesmos são, previsivelmente, destinados pelas pessoas" (p. 306-307).

Essa abordagem abre espaço uma outra forma de considerar o tempo como um elemento importante da análise teórica - ao mesmo tempo que reforça o papel da incerteza no conjunto da dinâmica econômica, um corolário da forma como o tempo é introduzido na teoria. Para Menger, "se em determinado momento futuro, aumentar o valor previsível de um bem de ordem inferior, aumenta também, na mesma proporção, o valor dos bens de ordem superior cuja posse nos assegura a produção dos respectivos bens de ordem inferior no futuro em questão" (p. 307). Por outro lado, "o aumento ou diminuição do valor de um bem inferior no momento atual não tem nenhum nexo causal necessário com o aumento ou diminuição do valor dos bens correspondentes de ordem superior que dispomos no momento atual". Dessa forma, o "valor dos correspondentes bens de ordem superior não é determinado pelo valor dos bens de ordem inferior que dispomos no momento atual, mas, em qualquer circunstância, pelo valor previsível que, ao término do processo de produção, terá o produto resultante dos respectivos bens de ordem superior" (p. 307).

Ainda no capítulo sobre o valor a atividade empresarial é discutida, articulando a especialização do trabalho e o aumento do porte das empresas e a ampliação do tempo da atividade empresarial. Menger comenta a concentração do papel do empresário em sociedades anônimas (a tarefas de canalização de sua riqueza, seleção de colaboradores e controle do empreendimento).

II. BENS DE ORDEM SUPERIOR E O CAPITAL

A atividade empresarial, como discutida por Menger ainda em 1871 já apresenta uma demarcação e uma diferenciação entre bens de ordem superior e capital.

Há, em relação à atividade empresarial, um papel específico para o capital na elaboração de Menger dos *Princípios*. Segundo ele, "no valor previsível do respectivo produtivo final" devem estar incluídos "não somente os bens de ordem superior e necessários para a produção técnica, mas também as utilizações de capital e a atividade empresarial,¹⁶ na medida em que estes últimos constituem pressupostos tão indispensáveis para toda a produção quanto os requisitos técnicos" (1871, p. 313).

Há uma associação entre atividade empresarial e capital (p. 319). As atividades empresariais são um tipo de serviço que deve ser incluído como mão-de-obra (*Arbeitsleistungen*). A atividade

¹⁶ Atividade empresarial "propriamente dita" envolve os seguintes elementos: 1) "a informação sobre a atividade econômica", 2) "cálculo de viabilidade econômica"; 3) "o ato de vontade através do qual bens de ordem superior .. são destinados a determinada produção"; 4) "a supervisão, para que a execução do plano de produção seja a mais econômica possível" (p. 313). Essas considerações sobre a produção, os seus planos, o papel do empresário e dos bens de ordem superior (meios de produção) talvez contribuam para uma reavaliação da crítica de Bujarin (1919) à "economia marginalista", pois na elaboração de Menger a produção está presente, com ênfase suficiente para inviabilizar a forte dicotomia entre o "ponto de vista da produção e o ponto de vista do consumo" (capítulo I, seção 3) - aliás, o alvo da elaboração de Marx é o "processo capitalista como um todo", e não apenas o tema do Volume I de *O Capital* - o processo de produção. É verdade que o alvo principal de Bujarin é Böhm-Bawerk.

empresarial, como serviço, teria duas peculiaridades: 1) não é mercadoria; 2) "pressupõe como condição que a pessoa disponha de capital". Segundo Menger, "essa última circunstância faz com que a atividade empresarial disponível em um país - e sobretudo aquela que pressupõe a posse de capital particularmente elevado - represente um montante relativamente pequeno em número" (p. 319). Conclui Menger que o crédito contribui para ampliar a atividade empresarial e a insegurança jurídica para diminuí-la.

Um trecho dos *Princípios*, na elaboração sobre "as leis que regem o valor dos bens de ordem superior" (capítulo III, seção 3), sustentaria a posição de Schumpeter sobre a visão de 1871: "a possibilidade de participar das vantagens econômicas associadas à utilização de bens de ordem superior ... depende, para cada indivíduo, de uma condição, a saber: de que ele disponha, desde já, de quantidade de bens econômicos de ordem superior, em função de tempos futuros, em outras palavras, que possua capital" (p. 310).

Essa referência ao capital é seguida de uma extensa nota de rodapé, na qual Menger trata de diversas definições existentes na literatura. Para Menger, a ênfase no aspecto técnico do capital em detrimento do "ponto de vista econômico" está na base dos erros em relação à definição de capital, assim como na divisão do capital. Menger discute a divisão entre bens de ordem inferior e bens de ordem superior (meios de consumo e meios de produção), reconhecendo-a como justificada, mas que "de forma alguma coincide com a divisão da riqueza em capital e não-capital". Essa afirmação questionaria a forma como Schumpeter (1954) divide a elaboração de Menger em relação ao capital, pois aqui capital não seria sinônimo de bens de ordem superior. Posteriormente Menger considera "igualmente insustentável" a denominação de capital a "todo objeto de riqueza que assegura uma renda permanente". Depois dessas demarcações críticas, Menger apresenta a sua definição: "[n]a verdade, entende-se por capital apenas aquelas quantidades de bens econômicos de que, no momento, dispomos em função de períodos futuros, e, portanto, estão disponíveis dentro de determinados períodos e nos permitem aquele tipo de utilização cuja natureza e característica econômica expusemos mais detalhadamente acima". Menger insiste na separação entre "objetos de riqueza que proporcionam renda (terras, edifícios etc) e capital". Finalmente, Menger comenta a confusão entre dinheiro e capital: "o capital em dinheiro constitui apenas *uma* modalidade de capital" (p. 310).

Essa nota é um ponto de partida para a redação do artigo de 1888 - *Zur Theorie des Kapitals*¹⁷ - redigido após a aparição da primeira parte do estudo de Böhm-Bawerk sobre o capital (*Geschichte und Kritik der Kapitaltheorien*, publicado em 1884) - livro que é citado neste artigo. O momento da publicação do artigo de Menger é relevante, porque pode indicar um descontentamento com a elaboração de Böhm-Bawerk - um tema que merece mais estudos. Hayek (1934, p. 226) explica que "é certo que esse artigo se deve ao fato de Menger não concordar inteiramente com Böhm-Bawerk no tocante à definição do conceito de capital". Schumpeter (1954, p. 847) registra uma dura crítica de Menger: "In his somewhat grandiloquent style he told me once: 'the time will come when people will realize that Böhm-Bawerk's theory is one of the greatest errors ever committed'".¹⁸

¹⁷ Há uma tradução espanhola disponível (Sobre la teoría del Capital, publicada em *Processos de mercado Revista Europea de Economia Política*, volume IV, n. 1, pp. 177-228).

¹⁸ A estrutura do livro de Böhm-Bawerk (1884) sobre as teorias existentes sobre o capital é diferente da organizada por Menger. Böhm-Bawerk apresenta as teorias de acordo com as partes em que se divide o seu livro: 1- a questão; 2- teorias da produtividade; 3- teorias do uso (entre as quais está a teoria de Menger - capítulo 10); 4- teorias da abstinência; 5- teorias do trabalho; 6- teoria da exploração; 7- outros sistemas.

Schumpeter (1954, p. 899), ao avaliar a posição de Menger sobre o capital, identifica uma mudança entre 1871 e o artigo de 1888: "at first, in his *Grundsätze*, defined capital as 'goods of higher order', but later on (in his contribution to the theory of capital, *Zur Theorie des Kapitals...*) 'as productive property ... [considered] as a sum of money productively used'".

Na introdução do artigo Menger retoma o tema da confusão em relação aos conceitos de capital e seleciona três conceitos para discutir. O primeiro é o conceito de riqueza (*Vermögen*) de uma pessoa dedicada à formação de rendas (*Einkommensbildung*), em contraposição à existência para uso. O segundo conceito são os meios de produção em contraposição aos meios de consumo. O terceiro é conceito de capital como produto dedicado à produção posterior em contraposição aos destinados a produtos de outra natureza (coisas da natureza, mão-de-obra).

Menger organiza a crítica a esses três conceitos para apresentar elementos de sua elaboração. Os dois primeiros conceitos são avaliados segundo as mesmas restrições apresentadas no Capítulo III dos *Princípios*. O terceiro conceito é criticado de forma mais exaustiva, atribuindo-o a Adam Smith. Segundo Menger, "Adam Smith se esforçou para apresentar o capital como uma categoria peculiar do patrimônio produtivo (*Produktivvermögens*)" (1888, p. 11). Na crítica a essa abordagem, Menger apresenta a "tricotomia" dos bens segundo Smith ("coisas puras da natureza", "trabalho" e "produtos"), relacionando-a a uma "peculiar classificação do patrimônio lucrativo" (*werbenden Vermögens*) entre "fator natureza", "força de trabalho natural" e "capital" (p. 18). A crítica das categorias smithianas (renda da terra, fontes do lucro) é realizada como uma introdução à discussão sobre o valor-trabalho (nessa seção há uma síntese da elaboração dos *Princípios*). Há aqui uma exposição sobre a relação causa e efeito entre o trabalho dos indivíduos e o valor de mercado: segundo Menger, os indivíduos vão empregar trabalho em bens que provavelmente terão um valor de mercado, e não o oposto (os bens têm valor de mercado porque despendeu-se trabalho neles) (p. 22). Finalmente, a seção conclui-se com uma referência rápida ao "estado atrasado da economia política", explicada pela juventude da ciência econômica - Adam Smith não analisou a economia "em seu desenvolvimento atual" (p. 29).

Após a crítica desses três conceitos, Menger apresenta nas duas seções finais os contornos da sua elaboração. O tema da quarta seção é "o capital desde o ponto de vista da economia", que remete a discussões de método realizadas nas *Investigações* (1883). A natureza da economia (privada, economia nacional, divisão de trabalho, organismo), a crítica a tentativas de aplicar em termos amplos observações obtidas da observação de uma economia individual, críticas a uma interpretação indevida da relação orgânica de fenômenos econômicos e das analogias entre a economia e organismos naturais. "Em uma economia caracterizada pela divisão do trabalho, não se pode considerar o patrimônio produtivo (*Produktivvermögen*) das economias individuais como um fenômeno isolado, nem tão pouco como uma mera soma dessas unidades" (p. 32).

Na seção final, é apresentado "o conceito real de capital" ("o capital na interpretação cotidiana"). A jurisprudência e os negociantes práticos dialogam aqui - o capital como "dinheiro que trabalha" é um exemplo de como na vida cotidiana confusões predominantes na teoria econômica não se repetem. Juros, capital fixo e circulante, são temas tratados. Ao final, Menger sugere que a discussão sobre os "juros do capital" é restrita e que a teoria econômica deveria se debruçar sobre uma "teoria completa do rendimento patrimonial" (*Theorie des Vermögensertrages*).

III. DO DEBATE SOBRE O MÉTODO ÀS ORIGENS DE INSTITUIÇÕES SOCIAIS

A discussão sobre o método (*Methodenstreit*) iniciou-se com uma resenha crítica de Gustav Schmoller, publicada em 1873, sobre os *Princípios* de Menger.¹⁹ Segundo Caldwell (2004, p. 37-38), "Schmoller's attack demanded a methodological defense. Menger's response appeared in his 1883 *Investigations*" .

Investigações está estruturado em quatro partes (ou quatro livros). A primeira parte trata da "economia como uma ciência teórica e sua relação com as ciência histórica e a ciência econômica prática". A segunda parte avalia "o ponto de vista histórico na pesquisa econômica". A terceira parte discute "a compreensão orgânica dos fenômenos sociais". A quarta e última parte analisa "o desenvolvimento da idéia de um tratamento histórico da economia política".

Na introdução, Menger contextualiza as suas investigações. A motivação básica é a constituição de uma metodologia adequada à economia política. Por um lado, a Escola Clássica dos economistas ingleses moldou a teoria econômica de uma forma que não a capacitou a "resolver o problema da ciência das leis da economia nacional de forma satisfatória" (1883, p. 29). Por outro lado, os "escritores do período pós-clássico" (p. 24) não conseguiram captar a diferença entre a "natureza formal da economia política e daquelas ciências cujos princípios básicos, e até mesmo resultados de pesquisas foram tomados de empréstimo mais ou menos mecanicamente" (p. 30).

A situação na Alemanha seria particularmente crítica para Menger - "o progresso da ciência no presente é bloqueado pelo conjunto de erros em problemas princípios metodológicos". Por isso, o debate sobre método é a tarefa do momento (p. 31).

No livro I, Menger apresenta razões para a construção de fundamentação teórica da economia - a orientação puramente empírica (histórica ou estatística) não é suficiente para explicar os fenômenos com os quais a economia lida.

No livro II, a discussão do ponto de vista histórico na pesquisa econômica. Há aqui um capítulo específico de crítica à "orientação pseudo-histórica na economia teórica". A ênfase está na resistência à teorização e um certo conforto com catálogos de descrições históricas tópicas. Para Menger (p. 117), "it is not the singular economic phenomena which form the subject matter of historical presentation. It is not all the innumerable efforts and successes of single individuals aimed at meeting their material needs, nor the vast myriads of single acts of production, exchange, and the economic employment of goods. What brings authentic history home to us is, rather, the concrete nature and the development of those large collective phenomena which we call economy".

No livro III, está talvez a contribuição mais específica de Menger - a combinação da crítica das analogias com outras ciências e a compreensão dos fenômenos (e instituições) sociais como resultados não-intencionais da ação de indivíduos.

No primeiro capítulo dessa parte, Menger critica a analogia entre fenômenos naturais, mais especificamente "organismos naturais" e fenômenos econômicos. A analogia tem limites, pois tanto os fenômenos orgânicos como os sociais são complexos, envolvem articulações entre unidades, partes e

¹⁹ Há uma tradução para o inglês da crítica de Schmoller publicada em Cantwell (2004, Appendix A, pp. 407-408).

há múltiplas interações, interagem e geram um processo. Em comum a ambos processos, os orgânicos e os sociais, estaria a característica de nenhum deles ser resultado de cálculo humano. No caso dos fenômenos sociais, eles não seriam resultado de uma intenção voltada para um propósito (*an intention aimed at this purpose*) (p. 130), isto é, explica Menger, "o resultado de um acordo de membros da sociedade ou de uma legislação positiva" (p. 130). Esses resultados apresentar-se-iam perante nós como produtos naturais ("em certo sentido", adiciona Menger), como "resultados não-intencionais do desenvolvimento histórico" (p. 130). Na crítica às analogias indevidas com os organismos naturais, Menger repete a crítica à chamada "orientação de pesquisa anatômico-fisiológica".²⁰

Na seção 4 do capítulo 2 do Livro III, Menger apresenta "a compreensão exata (atomística) da origem dessas instituições sociais que são resultado não-inencional do desenvolvimento social" (p. 151). O primeiro exemplo é a discussão sobre a origem do dinheiro, para onde o leitor é remetido. Nos *Princípios*, Menger atribui a origem do dinheiro e existência desta instituição não a uma "invenção" do Estado, mas à ação dos indivíduos, cujo "exercício e (...) hábito certamente contribuíram muito para transformar as respectivas mercadorias de maior vendibilidade em mercadorias que, aos poucos, passaram a ser aceitas em troca de outras não por muitos, mas por todos os indivíduos" (1871, p. 376). O Estado sanciona um bem que é dinheiro, oficializando sua capacidade de "representação universal" (1871, p. 378).

Em *Investigações* esse raciocínio é repetido e o exemplo da origem do dinheiro é uma introdução para investigar "a origem de outras instituições sociais em geral e da economia em particular" (1883, p. 155). Apresenta com mais detalhes a origem de "novas localidades" (p. 156), "do estado" (pp. 156-157). Uma vez discutidas a origem do dinheiro, de novas localidades e do estado, Menger parte para uma síntese e uma generalização: "in the same way it might be pointed out that other social institutions, language, law, morals, but specially numerous institutions of economy have come into being without any express agreement, without legislative compulsion, even without any consideration of public interest, merely through the impulse of *individual* interests and as a result of the activation of these interests" (p. 157). Mais adiante, o papel da ação individual é recolocado: essas instituições sociais "as a rule are not the result of socially teleological causes, but the unintended result of innumerable efforts of economic subjects pursuing *individual* interests" (p. 158).²¹

No livro IV, uma discussão sobre a Escola Histórica da Alemanha, que inicia-se pela abordagem da Escola Histórica dos Juristas - Menger avalia que só a incompreensão poderia considerar a existência de similaridade entre as duas Escolas Históricas. Na seção final Menger avalia criticamente Roscher, Hildebrand and Knies.

O balanço do conjunto deste debate está além dos objetivos deste texto, mas uma apreciação apresentada por Simmel pode ser útil como uma introdução a uma visão mais abrangente. A partir de um nível mais abstrato de elaboração - uma discussão sobre a "objetividade da verdade" - Simmel (1907, p. 113) sugere uma "alternância" entre critérios do conhecimento. Essa alternância está na raiz

²⁰ A crítica ao método "anatômico-fisiológico" está presente em *O Capital* de Marx (ver volume I, p. 187 e p. 314, versão inglesa), com uma referência direta a W. Roscher - o fundador da Escola Histórica, segundo Caldwell (2004, p. 45). Menger dedica os *Princípios* a Roscher, que também é criticado nas *Investigações*.

²¹ Essa elaboração de Menger é extremamente relevante para a dinâmica da "ordem espontânea" em Hayek, importante no debate sobre o cálculo econômico socialista: o contraste entre a natureza do mercado versus o caráter artificial (*institutional design*) do planejamento econômico e mesmo das instituições do estado de bem-estar social.

de um comentário aparentemente voltado para a disputa metodológica tratada nesta seção: "the relationship between the historical and scientific method in economics can be interpreted in this fashion..... Thus, while these two methods, dogmatically stated and each claiming objective truth for itself, they may assume an organic relationship in the form of alternation".

IV. POLÍTICA ECONÔMICA E A QUESTÃO DO SOCIALISMO

A posição política de Menger é tema de controvérsia. Para Hayek (1934, p. 230) ele "pendia para as posições conservadoras e o liberalismo de tipo antigo. Simpatizava, até certo ponto, com as reformas sociais". Hayek (1934, p. 217) também esclarece que no projeto geral dos *Princípios* o quarto volume seria dedicado "à crítica do sistema econômico vigente e à discussão de sugestões para a reforma econômica".

Straissler (1990b) avalia as posições de Menger quanto a política econômica a partir das anotações do princípio Rudolf e as compara com um texto escrito nos cem anos da morte de Adam Smith (*Die Social-Theorien der classischen National-Oekonomie und die moderne Wirtschaftspolitik*, de 1891). Straissler avalia que nas aulas, fortemente apoiadas em Adam Smith e não na própria elaboração de Menger, o tutor do princípio Rudolf teria uma agenda para o estado menos abrangente do que a de Adam Smith (p. 110). Já no texto de 1891, em uma interpretação de Straissler, "upon reading Menger's sole pronouncement on the fundamental principles of economic policy, his article ... on the occasion of the centenary of the death of Adam Smith (1891) one might be tempted to conclude that Menger in his time stood far to the "left" of Mises, that Menger had been, in fact, a very socially minded "liberal" or a liberal socialist.... What he actually says is simply that Adam Smith did not consider justice always to be on the side of employers in all conflicts with all their demands against their workers ...; and that Smith was not against all types of state intervention in all cases ..." (pp. 109-110).

É também interessante a leitura de um texto de Menger para a comemoração dos cem anos de nascimento de F. List (publicado em 1889). É um texto simpático a List, no qual o autor do *Sistema nacional de economia política* é apresentado como um defensor da proteção alfandegária apenas durante uma fase de desenvolvimento, que uma vez alcançados os seus objetivos levaria a sua remoção: "a proteção alfandegária deve amadurecer as nações para o livre comércio, o objetivo final de toda política econômica é o livre comércio entre os povos com o mesmo nível de desenvolvimento de suas economias nacionais" (1889, pp. 254-255).²²

Na medida em que Menger é considerado o fundador da Escola Austríaca, que será conhecida principalmente pela sua postura anti-socialista ao longo do século XX (von Mises, Hayek como duas expressões da participação dessa Escola em polêmicas sobre a possibilidade do socialismo), uma questão final deve ser colocada: até que ponto Menger e suas preocupações estão na origem desta especialização da Escola Austríaca?

²² No original: "Schutzzölle sollen die Nationen für den Freihandeln reif machen, das Endziel aller Wirtschaftspolitik aber der freie Verkehr zwischen Völkern mit gleichentwickelter Volkswirtschaft sein" (pp. 254-255).

Kirzner (1990, p. 106) sugere que "as Austrian economics entered its second and third generations, the focus of public policy inquiry shifted towards the feasibility of socialism. Here Mises was, as noticed above, able to draw on both the Böhm-Bawerkian and Mengerian roots of Austrian economics to restate the case for the free market with a new shapness of focus".

Em Menger,²³ é possível perceber já nos *Princípios* (1871) a presença de autores identificados com o socialismo. Proudhon é citado três vezes. Rodbertus é mencionado porque "chega à conclusão de que os proprietários de capital e de terras, em consequência de nossa legislação social, têm condições para subtrair dos trabalhadores parte do produto do trabalho e, dessa forma, podem 'conviver' sem trabalhar", pressuposto que se baseia em pressupostos errôneo de que "a somatória dos resultados de um processo de produção deve ser considerada o produto do trabalho" (p. 318).²⁴

Em *Zur Theorie des Kapitals* (1888), novamente Rodbertus é mencionado e uma referência às teorias socialistas é feita explicitamente - a preocupação de Menger é com o debate de idéias: as teorias antiquadas não dariam conta do enfrentamento com as teorias socialistas (1888, p. 48). Essa formulação é repetida por Böhm-Bawerk em *Capital and Interest* (1884, pp. 391-392): uma das razões do sucesso das "teorias da exploração" é a debilidade teórica de seus oponentes.

O conhecimento de Menger sobre as diversas teorias socialistas existentes na França é constatável através de seu artigo biográfico sobre Lorenz von Stein (Menger, 1891).²⁵ Através do acervo de Carl Menger depositada na Universidade de Hitotsubashi,²⁶ no Japão, constata-se na coleção o livro *Das Kapital*, em sua primeira edição. Nas anotações na cópia pessoal de Menger dos *Princípios*, também disponibilizada pela Universidade de Hitotsubashi, há duas anotações citando Marx - nas páginas 186 e 590 do livro digitalizado).²⁷

O já mencionado texto de 1891 é uma oportunidade para Menger demonstrar que Adam Smith foi injustamente considerado nos círculos acadêmicos e políticos da Alemanha e da Áustria como "inimigo dos pobres e do povo". Streissler (1990, p. 109) avalia que esse texto também teria esse papel: "it points out what classicists and Adam Smith had actually said on questions of social policy and how much they were wrongfully slandered in contemporary (late nineteenth-century) German and Austrian political discourse". Nesse artigo Menger associa os socialistas modernos (aqui a única referência a Marx no conjunto dos quatro volumes dos *Collected Works* editados por Hayek em 1935) à tradição de Adam Smith e não à de seus adversários. Segundo Menger (1891, p. 235), as opiniões de Adam Smith, "em pontos específicos de sua obra, chegam a ser praticamente a dos socialistas

²³ Carl Menger, segundo Hayek (1934, p. 230), através de seu irmão Anton, "intensamente engajado nos problemas do socialismo", tinha contato com informações dos movimentos sociais nas décadas de 1880s e 1890s.

²⁴ Rodbertus é um autor sistematicamente citado por Menger. Ele está presente nos *Princípios* e no *Zur Kapital*. Böhm-Bawerk em 1884, no seu livro *Capital and Interest*, considera Rodbertus superior a Marx (p. 323 e p. 326).

²⁵ Stein faz parte das referências do livro *A ideologia alemã*, de Marx e Engels.

²⁶ O acervo da Universidade Hitotsubashi (<http://chssl.lib.hit-u.ac.jp/menger/index.html>) está descrito com detalhes (ver Yamazaki, 2013). Há textos informativos e analíticos sobre as anotações de Menger (Ikeda, 2013, Yagi, 2004). Hayek (1934, p. 232) informa a transferência da biblioteca de Menger para a Universidade de Hitotsubashi e descreve os trabalhos com as anotações de Menger. Há também o acervo da Universidade de Duke (<http://library.duke.edu/rubenstein/findingaids/menger/>), descrito em Barnett (1990).

²⁷ Existe um livro com a transcrição das anotações de Menger (Kauder, 1961), cuja consulta através da internet pode ajudar a melhor utilização da cópia digitalizada das anotações de Menger (disponível para consulta em: <http://chssl.lib.hit-u.ac.jp/menger/index.html>). Esse foi o processo utilizado para identificar e encontrar as duas referências a Marx nas anotações de Menger.

modernos. Como é sabido, Louis Blanc, Ferdinand Lassale e Karl Marx invocam constantemente as teorias de A. Smith e de seus discípulos, não as de seus adversários". Trata-se, aparentemente, de mais um argumento contra a suposta insensibilidade social do autor de *A riqueza da nações*.

Uma preocupação em uma linha oposta a essa está no final do artigo sobre o capital (Menger, 1888, p. xxx): uma referência às teorias antiquadas, que não conseguiriam preparar essa teoria geral do rendimento patrimonial, nova teoria necessária para por fim à forma lamentável como as teorias do socialismo têm sido tratadas pela economia.²⁸ Nessa linha, Menger cita o livro de Böhm-Bawerk (de 1884) como um esforço de elaboração nessa linha. Isso sugere que Menger atribuiria algum papel à renovação da teoria econômica como uma contribuição para enfrentar as teorias pró-socialismo. Essa preocupação estaria presente, embora de forma dispersa, também nas *Investigações* de 1883 (ver páginas 92, 177, 193 e 212), demonstrando a preocupação de Menger com a questão.

V. CONCLUSÃO

O legado teórico de Carl Menger é um conjunto de contribuições sobre temas como valor, capital e a gênese de instituições sociais.

Como tema de pesquisa, é notável a disponibilidade de materiais para o estudo de sua obra. Comparado com o disponível quando da redação da nota biográfica por Schumpeter em 1921, há um material amplo e uma vasta literatura, que este texto buscou ao menos indicar as mais importantes.

Do ponto de vista teórico, não há dúvida que a elaboração de Menger contém elementos dinâmicos importantes, donde o espaço para desenvolvimentos posteriores na linha de Schumpeter e outros, caminhos que desviam-se do pensamento econômico *mainstream*. Cinco seriam as vias deste afastamento: o papel dos bens superiores no progresso econômico; o papel do conhecimento e da informação na dinâmica econômica; a identificação do empresário na vida econômica; a consciência da existência da incerteza – derivada do tratamento dado ao *tempo* na vida econômica; e a interpretação da gênese de instituições econômicas e sociais. Cada uma dessas linhas pode ser investigada de forma criativa e certamente alimentará o enriquecimento da teoria econômica.

Essas contribuições, entretanto, devem levar em conta a natureza inacabada da elaboração de Menger - em especial o projeto original dos *Princípios*, de acordo com o relato de Hayek (1934, p. 217). Esse caráter incompleto do projeto de Menger é, para uma agenda de pesquisa, estimulador. Certamente todas as anotações disponíveis agora por meios digitalizados podem ser objetos de novas, cuidadosas e certamente enriquecedoras investigações - acessíveis ao pesquisador interessado e motivado. Essa linha de investigação só pode ser ainda mais estimulada pelo mistério da vida intelectual de Menger após 1903.

A literatura sobre Menger, como mencionado ao longo deste texto, tem sugerido repensar o lugar do autor dos *Princípios* no pensamento econômico. Dois momentos desse repensar são os textos

²⁸ "....und auf diesem Wege jener durch blosse antiquarische Forschungen nicht zu beseitigenden Hilflosigkeit unserer Wissenschaft gegenüber den Theorien des Sozialismus ein Ende gemacht werden, welche so bedauerliches Symptom des heutigen Zustandes der theoretischen Nationalökonomie ist" (p. 48).

de W. Jaffé (1976) - a deshomogeneização de Menger, Jevons e Walras - e de M. Alter (1990) - a desagregação de Menger, Böhm-Bawerk e Weiser.

Esses novos materiais disponíveis, ao lado de uma mais cuidadosa avaliação dos seus discípulos mais identificados com os debates sobre questões sociais e o socialismo, Mises e Hayek, podem sugerir repensar a articulação e a seqüência automática entre Menger, Mises e Hayek. A sugestão dessa linha pode vir do próprio Hayek (1934, p. 217) - a reforma econômica era o tema do inicialmente planejado quarto volume dos *Princípios*. Como se sabe, esse tema que Menger deixou de concluir não é um tema apreciado por Hayek.

Por isso, após a deshomogeneização de Jaffé, a desagregação de Alter, esse dessequenciamento de Menger em relação a Mises e Hayek pode ser um objeto para futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

- ALTER, M. (1990) What do we know about Menger? In: CALDWELL, B. (ed.) *Carl Menger and his legacy in economics*. Annual Supplement to volume 22, *History of political economy*. Durham/London: Duke University Press, pp. 313-348.
- BLAUG, M. (1997) *Economic theory in retrospect*. Cambridge: Cambridge University (Fifth edition).
- BOETTKE, P. (org.). *The Elgar companion to Austrian economics*. Aldershot: Edward Elgar, 1994.
- BÖHM-BAWERK, E. (1884) *Capital and interest*. London: Macmillan & Co (1890) (disponível em <http://mises.org/document/164/Capital-and-Interest>)
- BÖHM-BAWERK, E. (1888) *The positive theory of capital*. New York: GE Stechert (1930) (disponível em <http://mises.org/document/3326/The-Positive-Theory-of-Capital>).
- BÖHM-BAWERK, E. (1900) *Recent literature on interest* (1884-1899). London: Macmillan & Co (1903) (disponível em <http://mises.org/document/3320/Recent-Literature-on-Interest>).
- BUJARIN, N. (1919) *La economía política del rentista* (crítica de la economía marginalista). Buenos Aires: Ediciones Pasado y Presente, 1974.
- CALDWELL, B. (2004) *Hayek's challenge*. Chicago/London: University of Chicago Press.
- CALDWELL, B. (ed.) (1990) *Carl Menger and his legacy in economics*. Annual Supplement to volume 22, *History of political economy*. Durham/London: Duke University Press.
- DOBB, M. (1973) *Theories of value and distribution since Adam Smith*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HAYEK, F. (1934) Introdução. In: MENGER, C. *Princípios de economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- HAYEK, F. (1978) The place of Menger's *Grundsätze* in the history of economic thought. In: NISHIYAMA, C.; LEUBE, K.. *The essence of Hayek*. Stanford: Hoover Institution/Stanford University, 1984.
- IKEDA, YUKIHIRO (2004) Menger's Attempt to Revise his *Grundsätze*: An Aborted Trial<http://chssl.lib.hit-u.ac.jp/menger/essay2.html> - ref00#ref00 (disponível no site <http://chssl.lib.hit-u.ac.jp/menger/essay2.html>, acesso em 22 de fevereiro de 2013)
- JAFFÉ, W. (1976) Menger, Jevons and Walras de-homogenized. *Economic Inquiry*, v. XIV, n. 4, pp. 511-524.
- JANIK, A.; TOULMIN, S. *La Viena de Wittgenstein*. Madri: Taurus, 1973.
- KAUDER, E. (1961) *Carl Menger's Ausatze zu "Grundsätze der Volkswirtschaftslehre"*. Tokyo: Biblioteca da Universidade Hitotsubashi.
- MARSHALL, A. (1891) *Princípios de economia* (Coleção Os Economistas). São Paulo: Nova Cultural (1985).
- MENGER, C. (1871). *Princípios de economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

- MENGER, C. (1883) *Investigations into the method of the social sciences with special reference to economics*. New York/London: New York University Press (1985).
- MENGER, C. (1888) Zur Theorie des Kapitals. In: *The Collected Works of Carl Menger*. London: The London School of Economics and Political Sciences, pp. 133-184 (1935) (disponível em (disponível em <http://mises.org/document/6661/Collected-Works-of-Carl-Menger-in-German-Volume-III>).
- MENGER, C. (1889) Friedrich List. In: *The Collected Works of Carl Menger*. London: The London School of Economics and Political Sciences, pp. 247-258 (1935) (disponível em (disponível em <http://mises.org/document/6661/Collected-Works-of-Carl-Menger-in-German-Volume-III>).
- MENGER, C. (1891a) Die Sozialtheorien der klassischen Nationalökonomie und die moderne Wirtschaftspolitik. In: *The Collected Works of Carl Menger*. London: The London School of Economics and Political Sciences, pp. 219-246 (1935) (disponível em (disponível em <http://mises.org/document/6661/Collected-Works-of-Carl-Menger-in-German-Volume-III>).
- MENGER, C. (1891b) Lorenz von Stein. In: *The Collected Works of Carl Menger*. London: The London School of Economics and Political Sciences, pp. 259-273 (1935) (disponível em (disponível em <http://mises.org/document/6661/Collected-Works-of-Carl-Menger-in-German-Volume-III>).
- SCHUMPETER, J. A. (1921) Carl Menger (1840-1921) In: *Ten great economists: from Marx to Keynes*. New York: Oxford University Press (1951).
- SCHUMPETER, J. A. (1954) *History of economic analysis*. London: Allen & Unwin.
- SEMINOVA, A. (2011) *The origins of money: evaluating chartalist and metalist theories in the context of ancient Greece and Mesopotamia*. Kansas City: University of Missouri (Dissertation in Economics and Social Science).
- SCREPANTI, E.; ZAMAGNI, S.. *An outline of the history of economic thought*. New York: Clarendon Press, 1993.
- SILVERMAN, P. (1990) The cameralist roots of Menger's achievement. In: CALDWELL, B. (ed.) *Carl Menger and his legacy in economics*. Annual Supplement to volume 22, *History of political economy*. Durham/London: Duke University Press, pp. 69-92.
- SIMMEL, G. (1907) *The philosophy of money*. London: Routledge. 3rd edition (2004)
- STIGLER, G. J. (1937) The economics of Carl Menger. *Journal of Political Economy*, v. 45, n. 2, pp. 229-250.
- STREISLER, E. W. (1990a) The influence of German economics on the work of Menger and Marshall. In: CALDWELL, B. (ed.) *Carl Menger and his legacy in economics*. Annual Supplement to volume 22, *History of political economy*. Durham/London: Duke University Press, pp. 31-68.
- STREISLER, E. W. (1990b) Carl Menger on economic policy: the lectures to Crown Prince Rudolf. In: CALDWELL, B. (ed.) *Carl Menger and his legacy in economics*. Annual Supplement to volume 22, *History of political economy*. Durham/London: Duke University Press, pp. 107-130.

- VAUGHN, K. (1990b) The Mengerian roots of the Austrian revival. In: CALDWELL, B. (ed.) *Carl Menger and his legacy in economics*. Annual Supplement to volume 22, *History of political economy*. Durham/London: Duke University Press, pp. 379-407.
- WHITE, L. H. . (1990) Restoring an "Altered" Menger. In: CALDWELL, B. (ed.) *Carl Menger and his legacy in economics*. Annual Supplement to volume 22, *History of political economy*. Durham/London: Duke University Press, pp. 349-358.
- YAGI, KIICHIRO (2013) The Subjective Turn of Carl Menger in His Personal Copies of *Grundsätze* : the Significance of Hitotsubashi/Duke Menger Materials (disponível no site <http://chssl.lib.hit-u.ac.jp/menger/essay1.html>, acesso em 22 de fevereiro de 2013)
- YAMAZAKI, KOICHI (2013) On the Carl Menger Collection and the author's copy of *Grundsätze der Volkswirtschaftslehre* (disponível no site <http://chssl.lib.hit-u.ac.jp/menger/index.html>, acesso em 22 de fevereiro de 2013) .